Ponte da Barca
Viana do Castelo

Mosteiro de São Salvador de Bravães

Mosteiro de São Salvador de Bravães

Nas margens do rio Lima desenvolve-se uma ampla rede de paróquias, de mosteiros e de casas nobres que conferem a esta região uma geografia patrimonial muito peculiar. No lugar do Mosteiro, da freguesia de Bravães, encontramos ao lado da estrada que liga Ponte da Barca a Ponte de Lima o Mosteiro de São Salvador, um dos mais celebrados edifícios românicos portugueses. Aqui, nesta região de Ribeira Lima, situada precisamente junto dos antigos limites das dioceses de Braga e de Tui, desenvolveu-se um dialecto muito peculiar do românico português e que conciliou, na sua essência, características de origem galega e bracarense.

É entre o segundo quartel do século XII e os finais do século XIII que a arquitectura românica da região de Ribeira Lima conhece o seu apogeu (Almeida 2001: 99). Primeiramente, identifica-se uma adopção dos temas decorativos de origem bracarense, autóctones, assim como uma disseminação dos capitéis cúbicos por toda esta região. Depois, já em finais do século XII, os temas tudenses que se encontram em franco desenvolvimento na bacia do Minho alcançam as margens do rio Lima. Não nos podemos esquecer que foi apenas em 1513, e ao tempo do Bispo D. Diogo de Sousa (1505-1532), que se efectivou a anexação formal do território de Entre-Lima e Minho ao bispado de Braga (Rosas 1987, I: 12). De facto, desde a reorganização diocesana efectuada durante a época sueva e 1381, data em que esta região passou para a administração da Diocese de Ceuta, a área compreendida entre os rios Minho, a Norte, e Lima, a Sul, esteve sob a alçada da diocese galega de Tui. Tal facto justifica a forte preponderância que o românico desta região galega exerceu sobre os edifícios construídos ao longo da margem esquerda do rio Minho, chegando mesmo às margens do Lima, pelo que há autores que integram o dialecto românico desta região num espaço mais amplo, o do Alto Minho, tendo em conta a grande unidade paisagística, económica e social de toda esta mancha, embora já se identifiquem aqui influências autóctones, bracarenses (Almeida 1986: 124). Recorde-se que só em 1977 é que foi criada a Diocese de Viana do Castelo, a qual tutela esta região.

Foi precisamente nesta linha de confluência entre a Diocese de Tui e a Arquidiocese de Braga que, em 1080, terá sido fundado o Mosteiro de São Salvador de Bravães. De acordo com o *Primitivo Censual de entre Lima e Ave*, cujo texto pode ter sido escrito entre 1085 e 1089 –indo no máximo até 1091–, o Mosteiro de Bravães surge a pagar um censo à catedral de Braga (Almeida 1984: 318-319). Uma notícia posterior, contida no *Nobiliário* atribuído ao Conde D. Pedro de Barcelos, datado de 1340-1344, refere-se a D. Vasco Nunes de Bravães, rico-homem da corte de D. Afonso VI de Castela (1072-1109) como sendo a pessoa que fundou o mosteiro de Bravães (Almeida 1984: 319). Fundado num reguengo, foi mais tarde coutado e doado por D. Afonso Henriques (1143-1185) a D. Paio Vasques, filho de D. Vasco Nunes de Bravães e de sua mulher Aldara Lopes (Passos 1943: 204), tal como se depreende dos testemunhos recolhidos nas Inquirições de 1258: "*...Item, dixerunt que é coutado per padroes et que fora regaengo; et que ouviram dizer que o dera el Rey don Alfonso a don Pelagio Valasquiz et que lo coutara* (Cit. in Barroca 2000, II-I: 473). Esta doação do mosteiro de Bravães terá ocorrido em data anterior a 28 de Julho de 1180 (Bandeira 1997: 3).

Por esta altura já se encontraria avançado o estaleiro da fábrica da igreja, cujos elementos remanescentes nos apontam para os meados do século XII (Almeida s.d: 232), muito embora seja de admitir a existência dum pequeno cenóbio primitivo fundado em torno do ano de 1080,

ou seja, dez anos depois da restauração da diocese de Braga pelo bispo D. Pedro (1070-1093). Esta igreja anterior teria certamente um programa mais reduzido que o da actual igreja, tendo dela sido reaproveitados alguns elementos na construção da actual fábrica, tais como as bases e os capitéis do arco cruzeiro, a inscrição obituária do prior Egeas Mendes, assim como talvez uma cruz de sagração, no interior da igreja, de tipo diferente e mais antigo (ALMEIDA 1986: 62 e 2001: 95). Refira-se, aliás, que a cronologia proposta para o actual edifício vai bem de encontro ao passo marcado pelo românico na área de Ribeira Lima e que se começa a afirmar, como já referimos, primeiramente, sob alçada dos temas bracarenses, introduzindo depois os de origem tudense em finais do século XII.

Mas, o que é certo é que este mosteiro gozava de alguma proeminência em meados do século XII pois o seu prior, D. Egeas, surge em 1140-1141 como notário numa carta de couto passada por D. Afonso Henriques a favor do vizinho mosteiro de Vila Nova de Muía (SOUSA 2005: 187), assinando "Egeas prior de Bravães qui notuit" (ALMEIDA 1984: 320).

Alude certamente a este mesmo D. Egeas a inscrição funerária gravada ao longo de quatro silhares de granito, na face externa da ombreira esquerda do portal lateral Sul da nave da igreja, ficando voltada ao claustro, destruído em 1876 com a abertura da estrada que liga Ponte da Barca a Ponte de Lima (BARROCA 2000, II-I: 472-473).

ERA • Mª • CCª • XXª Vª / OBIIT • PRIOR • EGEE /
MENENDIZ • TU / LECTOR • ME / MENTO • MEI

É muito provável que este prior tivesse estado à frente do Mosteiro de Bravães no período compreendido entre, pelo menos, os anos de 1140-1141 e 1187 (*Era* 1225), data da sua morte (ALMEIDA 1984: 320; BARROCA 2000, II-I: 473). Deste modo, é bem possível que este D. Egas Mendes esteja associado à edificação da fábrica românica de Bravães, o que também justifica tão ostentoso epitáfio, memorando o seu nome.

Por esta época, pertencia este Mosteiro de Bravães à Ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho. Embora em Portugal haja indícios antigos da existência de uma opção religiosa inspirada em Santo Agostinho, particularmente ao nível das catedrais onde bispos e cónegos partilhavam de uma vida religiosa com um acentuado sentido de comunidade, foi só após a fundação do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra (1130), por D. Telo e sob a protecção de D. Afonso Henriques, que esta Ordem monástica alcançou uma outra importância no contexto religioso e político do reino nascente (JORGE 2000: 362). Embora não se tenha nenhuma datação concreta quanto à chegada dos cónegos crúzios a Bravães, o que é certo é que muito próximo dali, em Braga, o Cabido da diocese se intitulava da Regra de Santo Agostinho desde o tempo do bispo D. Pedro (Idem). Todavia, mesmo assim, uma nota do Marquês de Montebelo acrescentada ao *Nobiliário* refere que D. Vasco Nunes adoptou o nome de Bravães, cujo mosteiro já existia e que pertencia à Ordem de São Bento (ALMEIDA 1984: 319).

Em 1320, no *Catálogo das Igrejas, Comendas e Mosteiros do Reino*, o Mosteiro de São Salvador de Bravães foi taxado em 300 libras, reflexo da sua proeminência na região. Em 1420, por breve de Martinho V (1417-1431), secularizou-se este Mosteiro, tendo aí fundado D. Fernando Guerra, arcebispo de Braga, uma reitoria vulgar (SOUSA 2005: 186). A 12 de Fevereiro de 1434 o mosteiro de Bravães passou a ser igreja paroquial (BARROCA 2000, II-I: 473). Vejamos, pois, como toda esta conjuntura geográfica e histórica se reflectiu na fábrica e na original escultura românica da igreja do Mosteiro de São Salvador de Bravães.

A igreja de Bravães apresenta-se-nos sob a forma planimétrica mais convencional do românico português. Uma nave única é rematada por uma cabeceira rectangular, mais baixa e mais estreita. Do lado Norte anexa-se a Sacristia ao nível da capela-mor. A grande altura da nave tem sido apontada como um indício da cronologia tardia deste monumento românico (ALMEIDA 1986: 35), aspecto corroborado pelo arranjo geral dado aos portais laterais, como veremos.

Acede-se ao interior deste espaço sacro através de três portais, um Ocidental e dois laterais, nos quais se concentram significativos elementos escultóricos. O portal ocidental rasga-se sobre um corpo avançado que não só lhe cria uma maior profundidade (e consequentemente um maior campo para um desenvolvido conjunto iconográfico), como também lhe confere uma outra monumentalidade.

Muito se tem escrito sobre o portal principal da igreja de Bravães, dado o seu carácter singular no contexto do românico português. Uma estrutura composta por quatro arquivoltas, todas elas ornamentadas, apoiadas sobre colunas, cujos fustes se encontram profundamente esculpidos, acusa um certo barroquismo na composição deste conjunto iconográfico, onde a escultura se adapta a todos os elementos escultóricos.

Um arco envolvente, ornado com pequenas rosetas e pontuais corações invertidos, de origem bracarense, delimita este barroco conjunto escultórico românico. As duas arquivoltas exteriores mostram sequências de aves e animais, de grande relevo, tratados ao modo de capitéis, desenvolvendo-se no sentido das aduelas. É na arquivolta central que surge retratado um Apostolado, cujas pequenas e frustes figuras tornam difícil distinguir iconograficamente os diversos Apóstolos (Almeida s.d.: 233-235). Todavia, na primeira aduela do lado sul é possível identificar Santiago, porque exibe um bordão na sua mão direita. Os restantes Apóstolos surgem com o livro na mão, estando todos eles esculpidos no sentido das aduelas. É precisamente nesta organização dos motivos escultóricos no sentido das aduelas que encontramos uma liga-

ção ao românico do foco bracarense, também presente no arranjo do arco triunfal desta igreja, como veremos, muito embora este tratamento acuse ainda a formação de capiteleiro do mestre que elaborou este portal (ALMEIDA s.d.: 235). Já nas arquivoltas interiores a ornamentação mostra um sabor mais geométrico, nos encordoados e no jogo de enxaquetado e pérolas que ornam as suas aduelas.

O tímpano deste portal é um dos poucos exemplos historiados que se conservam no românico português. Aqui sobressai uma representação da *Maiestas Domini*, apesar de reduzida ao mínimo. Cristo surge entronizado e envolvido por uma mandorla toreada, segura pelas mãos de duas figuras, anatomicamente desproporcionadas. Estas personagens, cujas vestes tubulares são presas por forte cinto, devem representar anjos (ALMEIDA 1986: 151). Assim, a estética desta representação acusa uma artesania voluntariosa que utiliza um padrão escultórico de natureza tudense, embora sem lhe conferir apuramento técnico (Idem). O tímpano é sustentado por duas mísulas onde foram esculpidas cabeças de touro, de raça galega (Idem: 154).

Patenteando uma forte e túrgida modelação, os capitéis mostram temas iconográficos característicos da escultura dos capitéis da área da diocese de Tui e do Alto Minho (Idem 128), vendo-se aves debicando de uma taça ou com o pescoço entrelaçado ou serpentes míticas mostrando cabeças humanas e cabeleiras. Também as bases acusam uma interpretação indígena dos modelos de influência galega. Ao nível do arranjo dado aos capitéis e às colunas deste

portal encontramos mais uma ligação à arte da Catedral de Tui realizada após os meados do século XI (ALMEIDA 2001: 96). Os capitéis assumem um papel muito especial ao nível do arranjo compositivo deste portal, pois, mais do que nunca, definindo uma quebra entre a escultura das arquivoltas e a escultura dos fustes dos colunelos, que se prolonga de uns para os outros. Assim, os temas animalescos retratados continuam para cima e para baixo destes, fazendo deste portal um notável caso de escultura desadaptada ao seu quadro natural e de gosto muito local (ALMEIDA 1986: 154). Mais, é precisamente esta deslocação de temas afrontados, própria da dinâmica de capitéis, para a superfície curva e alongada dos fustes que também nos ilustra uma certa inexperiência e a inabilidade que o capiteleiro desta obra quando teve necessidade de realizar outros trabalhos de foro escultórico (ALMEIDA 2001: 96). Aliás, é contrastante a agilidade escultórica dos capitéis comparativamente aos restantes elementos aqui esculpidos. E, apesar das limitações que esta solução revela, estamos ainda diante de uma composição que não deixa de ser rica e, multiplicadamente, significativa (ALMEIDA s.d.: 233). Assim, nos capitéis vemos aves debicando, numa configuração própria de cesto de capitel e impropriamente esculpida sobre o fuste, como também vemos serpentes com cabeças de mulher, outro tema de raiz popular e frequente nos capitéis da área de Tui (ALMEIDA 1986: 157). É esta adaptação de uma temática capitelar aos fustes, muito túrgida, que torna este conjunto extremamente original e singular, fruto de uma interpretação autóctone.

Também nas colunas médias reside uma outra singularidade deste conjunto, pois aqui surgem representadas duas figuras, ao modo de estátuas-colunas ou, mesmo, de jacentes tumulares, como alguém já escreveu, apesar das evidentes dificuldades notadas ao nível do trabalho do cinzel e que, de certa forma, contribuíram para o aparecimento de várias leituras iconográficas. Assim, do lado direito do portal vemos uma figura feminina, com véu na cabeça e vestido até aos pés. Como apresenta a mão direita de encontro ao peito e a esquerda sobre o ventre, crê-se estarmos diante da primeira representação da Senhora do Ó conhecida para território português, numa iconografia derivada das representações da Virgem nos "Comentários ao Apocalipse" de Beatus, desse tempo (ALMEIDA 2001: 96). Com esta coluna relaciona-se directamente aquela que, a seu lado, ostenta o tema das serpentes, cuja iconografia tem a mesma origem (ALMEIDA s.d.: 237). A personagem que com a Virgem faz contraponto justifica que estejamos diante do tema da Anunciação que, por sinal, tem sido uma das suas representações mais comentadas na historiografia da Arte portuguesa.

Do lado oposto, uma representação masculina. O posicionamento do Arcanjo São Gabriel do lado esquerdo do portal indicia um maior e crescente prestígio da Virgem, que culminará durante a época gótica. Este personagem áulico, portador de uma garantida mensagem, mostra o cabelo organizado em tranças e usa barba. Todavia, tendo em conta o espaço redutor do fuste, mas também a pouca destreza figurativa do capiteleiro escultor, esta personagem não nos mostra asas (ALMEIDA s.d.: 235). As suas mãos estão erguidas sobre o peito, com as palmas viradas à Virgem, como que comunicando com esta. O seu vestido hirto, cingido por faixa, cai até seus pés.

No entanto, alguns autores têm procurado ver aqui outro tema iconográfico que não a Anunciação, apoiando-se numa hipotética obscuridade e mistério criados pela rudeza de execução deste conjunto escultórico. De um modo geral, o tema mais aceite é precisamente este, o da Anunciação, embora haja quem o questione tendo em conta a carência de asas na figura do Arcanjo, assim como o facto de não se conhecerem anjos barbados nas representações da Anunciação (ALMEIDA 1984: 333). Assim sendo, Maria José Perez Homem de Almeida acredita que possamos estar diante de uma representação de São Pedro, que por vezes se associa à Virgem, ou mesmo de São João Baptista, que, apesar da ausência de atributos iconográficos, pode aparecer com barba e cabelos longos. O facto da figura de Bravães se parecer com a de um eremita, também não invalida, para a autora, esta leitura iconográfica, tanto mais que a presença conjunta da Virgem e de São João Baptista se justificaria pela sua comum alusão à

Encarnação, numa igreja dedicada ao Salvador e em cujo tímpano ocidental este surge representado (ALMEIDA 1984: 334). Por fim, há ainda quem visse neste conjunto a representação dos doadores e fundadores do convento e da igreja (PASSOS 1943: 205), ou seja, D. Vasco Nunes de Bravães e sua mulher Aldara Lopes. Mas, o que é certo, é que estas propostas não tiveram eco na historiografia do românico português, prevalecendo a tese que aqui identifica a Anunciação.

De resto, a fachada principal deste monumento surge notoriamente transformada na parte superior, tendo sido bastante refeita. Tal facto é-nos acusado pela ausência de qualquer abertura. Repare-se no contraste existente entre a fachada, no geral, e o portal que esta abriga, considerado o mais decorado do românico em Portugal (ALMEIDA 1986: 35). No lado norte desta fachada existiu em tempos uma torre, da qual não há quaisquer vestígios, mandada construir em finais do século XIII pelo prior D. Rodrigo Pires, conforme atesta uma inscrição hoje integrada na face exterior da parede Norte da igreja, à direita do portal lateral (BARROCA 2000, II-II: 1233-1236):

• ISTAM • TOR(r)E • / FECIT • PRIORE • / RUDERIC(us) • PETRI

Também as fachadas laterais são extremamente simples, nelas destacando-se, além de uma cachorrada de perfil tendencialmente rectangular, a sustentar uma cornija ornada com um motivo enxaquetado, os portais que permitem o acesso ao interior da nave. Ambos os portais, confrontantes, acusam já uma cronologia avançada, tendo em conta a ausência de colunas e a ligeira quebra dos seus arcos, apesar de ainda terem tímpanos. Do lado Norte, o portal apresenta-se-nos com duas arquivoltas toreadas, assentes directamente sobre os pés direitos e envolvidas por um friso cujo motivo nos recorda uma temática de origem bracarense. O tímpano, assente sobre impostas lisas, mostra-nos ao centro um motivo crucial, composto através de círculos entrelaçados, ladeado por dois quadrúpedes. Já do lado Sul, o tímpano assenta sobre

duas cabeças de leão e nele está representado o *Agnus Dei*, acompanhado da cruz, tema muito recorrente na arquitectura românica do Entre-Douro-e-Minho. Também as três arquivoltas deste portal apresentam uma ligeira quebra e são todas elas ornadas com motivos de carácter geométrico, assentando directamente sobre os pés direitos. É precisamente aqui que se encontra a inscrição obituária de D. Egas Mendes.

Já no interior do monumento, o friso enxaquetado que percorre a capela-mor é tido como um indicio de antiguidade pois, como se encontra abaixo do alinhamento das impostas do arco triunfal, é bem possível que este tenha sido alteado durante a última fase de construção da igreja (ALMEIDA 2001: 95). De facto, o arco triunfal é já notoriamente quebrado e relativamente aberto para a capela-mor. Formado por duas arquivoltas, uma delas apresenta uma ornamentação típica do românico que se desenvolveu em torno da Sé de Braga, mostrando um maior grafismo que modelação (comparativamente ao tratamento dado à escultura do exterior), desenvolvendo-se a temática animalista, que se une na esquina das arquivoltas e se desenvolve no seu sentido. A influência bracarense também está bem presente na temática dos corações invertidos do arco envolvente deste conjunto. Já os capitéis apresentam uma maior turgidez no tratamento dado à temática quer vegetalista, quer animalista que os anima, apesar da sua forma cúbica de origem também bracarense.

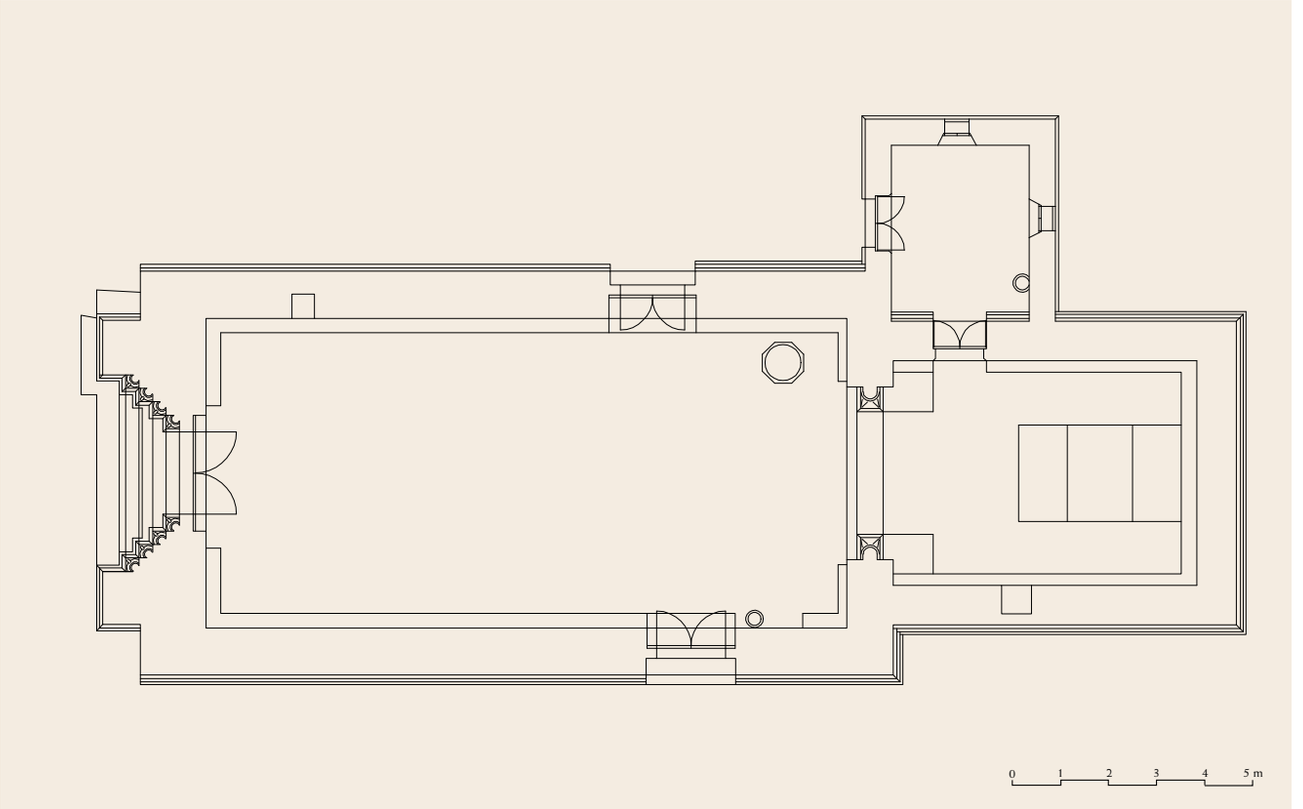
Sobre o arco triunfal, vê-se uma rosácea radial já bastante gótica, atestando a longa duração da fábrica construtiva de Bravães. Assim, além da possível existência de um edifício anterior ao actual, de que resultou o reaproveitamento de alguns elementos, como já referimos, encontramos uma fase de construção puramente românica e uma posterior, já da época

gótica. Assim, ao longo do paramento interior do arco cruzeiro são bem visíveis as cicatrizes que indiciam esta transição de estaleiro. Ao século XIII corresponde, ainda, um conjunto de blocos onde sistematicamente se encontram siglas e que recorreram a um granito mais áspero e duro, com grandes nódulos de feldspato, visíveis na cabeceira e na parte superior do corpo da igreja (ALMEIDA 1986: 62). De facto, o granito utilizado na primeira fase construtiva da igreja de Bravães acusa um grão mais fino e mais dúctil, visível na base do corpo da igreja e no rico programa iconográfico do portal Ocidental.

A nave é iluminada interiormente por quatro estreitas frestas, duas de cada lado, encimadas por arcadas desfasadas da abertura. Alguns dos seus capitéis cúbicos mostram uma decoração geométrica e elementar, podendo ser considerados como entre os mais antigos da região porque seguem protótipos específicos do século XI. Todavia, estas corresponderão certamente à fábrica do século XIII, pois foram reaproveitados ou mesmo imitadas soluções anteriores (ALMEIDA 2001: 95).

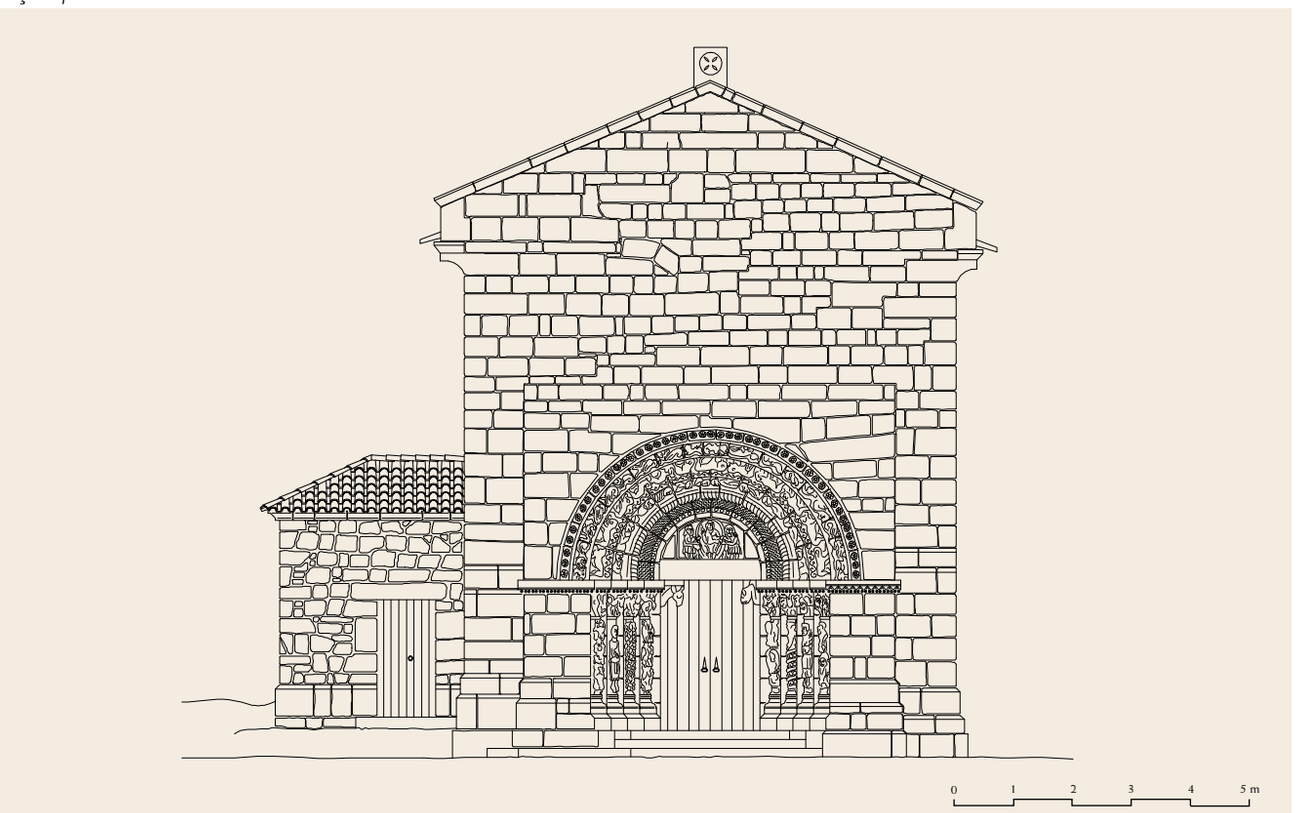
Em suma, embora do Mosteiro de Bravães hoje apenas sobreviva a sua igreja, esta não deixa de assumir um lugar de destaque no contexto do românico português, pela forma como usou e abusou dos elementos escultóricos ao nível do arranjo do seu portal principal, apesar de acusar um carácter extremamente periférico e rural, na forma como interpreta e dá corpo às influências quer bracarenses, quer tudenses. Assim, apesar da rudeza do talhe, estamos diante de um dos mais eruditos conjuntos iconográficos do românico português.

Texto: Maria Leonor Botelho - Planos: Sérgio Azevedo - Fotografias: Michael Schlapkohl



Planta

Alçado poente



BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de, *A Igreja Românica de Bravães*, s.l., s.n., s.d., pp. 223-238 (texto policopiado).

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de, *O românico. História da Arte em Portugal*, vol. 3, Lisboa, Publicações Alfa, 1986.

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de, *O Românico. História da Arte em Portugal*, vol. 1, Lisboa, Editorial Presença, 2001.

ALMEIDA, Mª. José Pérez Homem de, *San Salvador de Bravães: una encrucijada en el románico portugés*, Porto, Centro de Estudos Humanísticos, 1984, pp. 317-339.

BANDEIRA, Filomena e NOÉ, Paula, "Igreja de Bravães" (Nº IPA: PT011606030001), 1996, in *Inventário do Património*, URL: www.monumentos.pt

BARROCA, Mário Jorge, *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*, Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2000, 4 vols.

JORGE, Ana Maria C. M. e RODRIGUES, Ana Maria S. A. (coord.), *História Religiosa de Portuga*, volume I, Formação e Limites da Cristandade, Lisboa, Círculo de Leitores, 2000.

PASSOS, Carlos de, "O Românico de Bravães", in *Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências - Quarto Congresso da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências (celebrado juntamente com o XVII Congresso da Associação Espanhola para o Progresso das Ciências)*, Porto, 18 a 24 de Junho de 1942, Porto, Imprensa Portuguesa, 1943, t. VIII, 7ª Secção, Ciências Históricas e Filológicas, pp. 204-205.

ROSAS, Lúcia Maria Cardoso, *A Escultura Românica das Igrejas da Margem Esquerda do Rio Minho*, Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica - Trabalho de Síntese apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1987, 2 vols. (texto dactilografado).

SOUSA, Bernardo Vasconcelos e (dir.), *Ordens Religiosas em Portugal. Das origens a Trento - Guia Histórico*, Lisboa, Livros Horizonte, 2005.